

Tomando um LADO: formação crítica e prática extensionista no Laboratório de Design contra Opressões

William Bizotto dos Santos (UTFPR, Brasil)

william.1998@alunos.utfpr.edu.br

Marco Mazzarotto (UTFPR, Brasil)

marcomazzarotto@gmail.com

Frederick Marinus Constant van Amstel (UTFPR, Brasil)

vanamstel@gmail.com

Tomando um LADO: formação crítica e prática extensionista no Laboratório de Design contra Opressões

Resumo: A noção de projeto como solução de problemas vela a sua dimensão existencial, que inclui seus interesses políticos, culturais e históricos. A negação dessa dimensão na formação em design leva a uma práxis aparentemente neutra, porém, em sua essência, vinculada aos interesses dos grupos sociais dominantes. Esta pesquisa apresenta a perspectiva dialético-existencial sobre o projeto de Álvaro Vieira Pinto e Paulo Freire para fundamentar a práxis extensionista do Laboratório de Design contra Opressões (LADO) na UTFPR. A descrição desta práxis desvela caminhos para vivenciar a liberdade no campo de design como uma prática coletiva de comunicação e diálogo entre universidade e movimentos sociais.

Palavras-chave: conscientização, design contra-hegemônico, design participativo, projeto, extensão universitária.

Taking a side: critical formation and outreach practice in Laboratory of Design against Oppression (LADO)

Abstract: *Understanding project as a problem-solving activity may obscure its existential dimension, which includes its political, cultural, and historical interests. Denying this dimension in design education leads to a seemingly neutral praxis, but in essence, linked to the interests of dominant social groups. This research presents the dialectical-existential perspective on design projects developed by Álvaro Vieira Pinto and Paulo Freire to support the extensionist praxis of the Laboratory of Design against Oppression (LADO) at UTFPR. This praxis' description reveals paths to experience freedom in the field of design as a collective practice of communication and dialogue between the university and social movements.*

Keywords: *critical consciousness, counter-hegemonic design, participatory design, project, extension courses.*

1. Introdução

Nos últimos anos, surgiram novas vozes no debate sobre pensar e fazer design fora da hegemonia dos cânones modernistas. Essas vozes denunciam a pretensa neutralidade do design moderno, desbancando o discurso de que só há uma forma correta de projetar o mundo, a forma capitalista do Norte Global. Importantes e diferentes justamente pela sua pluralidade, mencionamos algumas dessas vozes: design para o pluriverso (ESCOBAR, 2018), design decolonial (TLOSTANOVA, 2017; ANSARI, 2019), design nas bordas (SILVA, 2022), pesquisa militante no design (SERPA, 2022) e estudos de opressão no design (VAN AMSTEL, GONZATTO e NOEL, 2023). Além dessas, existem muitas outras que podem ser referidas como “outros designs” (CARVALHO et al, 2021) ou até mesmo práticas fora do campo institucionalizado do design, o “design com outros nomes” (GUTIÉRREZ BORRERO, 2022). Portanto, se o Design hegemônico (SILVA, 2022; OKABAYASHI e DOS SANTOS; 2022) é aquele que busca impor uma prática pautada apenas pelo modelo capitalista desenvolvimentista Angloeuropeu, essas vozes contra-hegemônicas buscam encontrar fissuras nesse modelo nas quais a diversidade de modos de ser e de fazer do Sul Global possam também florescer.

Podemos identificar alguns pontos em comum levantados por essas vozes, por exemplo, a proposição de um design crítico e político, que possa se tornar aliado nas lutas de grupos oprimidos pela sua libertação. Nessa proposta, o design deixa de ser uma teoria e/ou prática de uma classe de designers institucionalmente autorizados para isso e passa a ser considerado um direito dos povos oprimidos na sua busca por autodeterminação. Design já foi anunciado como um direito humano há muito tempo (BUCHANAN, 2001), porém, o que essas vozes querem hoje é que design não seja apenas um meio para proteger a dignidade humana, mas sim aquilo mesmo que deve ser protegido.

Isso implica em uma atitude diferente para designers. Em vez de atuarem como solucionadores de problemas detentores do privilégio de projetar, designers atuam como defensores do direito de uma comunidade de se auto-projetar (ESCOBAR, 2018). Mudar a Educação em Design atual é crucial para explorar e fundamentar essa nova forma de atuação. Infelizmente, educadores em design que atuam em diversos mundos chegaram à conclusão de que a Educação em Design carrega um viés colonial, Eurocêntrico e capitalista (Noel *et al*, 2023). Devido a esses vieses, essas novas vozes, oriundas principalmente do Sul Global, não chegam a entrar em diálogo com a maioria dos estudantes de design, nem mesmo no próprio Sul Global.

Formar criticamente designers para que pensem e pratiquem o seu que fazer¹ de forma libertadora se mostra um grande desafio, principalmente quando a educação, em sua ampla aplicação, se caracteriza por atitudes bancárias que negam outras epistemologias, outras formas de conhecer o mundo (FREIRE, 2021). Assim, surge a pergunta crucial desta pesquisa: como formar profissionais de design que estejam preparados para defender o design como um direito humano?

Longe de dar uma resposta final a esta pergunta, este artigo visa descrever e analisar a formação crítica e prática extensionista proporcionada pelo projeto de extensão chamado Laboratório de Design contra Opressões (LADO) na UTFPR, que visa desenvolver projetos de design em conjunto com movimentos sociais. Este projeto está sendo desenvolvido a partir da perspectiva dialético-existencial sobre design e educação. Essa perspectiva permite perceber o design enquanto um projeto existencial humano e, assim, revelar suas implicações materiais e políticas.

Na primeira parte deste artigo, buscamos estabelecer algumas diretrizes que mostrem o que fazer do designer não como algo neutro, mas sim como atividade intrinsecamente humana e determinante histórica na produção de existência, objeto de um direito humano fundamental. Para isso, lançamos mão das categorias de projeto e consciência crítica concebidas por Álvaro Vieira Pinto (2005; 2020; 2021) e expandidas por Paulo Freire (1980; 2014; 2021). Destacamos seu pensamento ontológico e epistemológico, assim como conceitos de educação crítica, diálogo, autonomia e práxis. Logo após essa exposição, serão apresentadas as experiências de formação crítica e prática extensionista do laboratório mencionado.

2. Projeto e existência

Rememorando a história do design, vemos que ele nasce da divisão social do trabalho surgida com a revolução industrial, que separou aquele que planeja daquele que executa objetos. O objetivo era atingir a padronização necessária para que uma produção em série fosse possível (CARDOSO, 2008). Em sua presente forma histórica, podemos definir o design hegemônico como uma abordagem profissional para resolução de problemas de produção e consumo por meio de projetos calcados em métodos pré-definidos (LÖBACH, 2012). Este modo de entender design reproduz ética e esteticamente uma práxis de manutenção do status quo da classe dominante.

1 Mais que um puro fazer, o “que fazer” não dicotomiza ação e reflexão, integrando-os em um fazer e pensar dialético (FREIRE, 2021).

Esta visão de projeto é criticada por diversos autores. Silva e colegas, por exemplo, consideram a solução de problemas uma visão reducionista do design, pois “valores como cultura e contexto são mencionados em exemplos, mas não existe uma discussão sobre abrangência ou limites de ambos dentro do processo de design” (SILVA; KIRA; MERKLE, 2016, p. 9). Os autores chamam a atenção para a etimologia da palavra projeto, que significa jogar a frente, impulsionar algo no espaço e no tempo. Por outro lado, Van Amstel, Botter e Guimarães (2022) afirmam que todo projeto contém também um trajeto, que nos informa em qual modo será produzido; qual a divisão social do trabalho será empregada para realizá-lo; quem irá pensar quais as necessidades devemos priorizar; qual o impacto no meio-ambiente; etc. Ao projetar idealmente uma nova condição de existência e realizá-la materialmente, deixando como um trajeto para novos projetos, seres humanos estão projetando também a si mesmos, visto que estão modificando objetivamente as condições nas quais vivem, as forças e as relações produtivas com a natureza (MARX, 2015; VIEIRA PINTO, 2020).

A historicidade do ser humano não se manifesta, entretanto, como uma série de ações lineares direcionadas a um fim pré-definido. Cada ser humano é um ser projetante autônomo e pode ou não se associar com outros seres humanos para formar seres projetantes mais poderosos, tais como comunidades, organizações e Estados, os chamados corpos projetuais coletivos (ANGELON e VAN AMSTEL, 2021). Esses corpos coletivos não são homogêneos, pois os seus corpos individuais têm projetos conflitantes e trajetos de vida completamente diferentes. Mesmo que os conflitos sejam resolvidos, permanecerá a contradição entre o que fazer individual e o que fazer coletivo. Essa contradição costuma arrastar outras contradições para o espaço de projeto, gerando a necessidade da deliberação democrática entre os participantes do projeto existencial coletivo.

Partindo desta perspectiva dialético-existencial do projeto, compreendemos a consciência do sujeito enquanto uma representação subjetiva de um dado objetivo do mundo real, que dá origem à ação transformadora do espaço social em que está inserida por meio do trabalho (FREIRE, 1980; 2021; VIEIRA PINTO, 2020). Esta historicidade, tanto do sujeito quanto do objeto, trabalha o tempo não em sua matriz cronológica, mas sim existencial (VAN AMSTEL e GONZATTO, 2022). O projeto se coloca à frente do ser atual para abrir a possibilidade do vir-a-ser. Portanto, a consciência do ser não é limitada ao momento atual da história humana, senão que se localiza precisamente entre passado e futuro. As condições objetivas — e o próprio ser — se modificam a cada passo do processo dialético de análise do objeto historicamente situado, sendo necessária uma nova atualização do olhar

crítico dos sujeitos perante à realidade para capturar sua própria historicidade (FREIRE, 1980).

Segundo Álvaro Vieira (2020; 2021), a historicidade da consciência pode ser capturada de duas maneiras. A consciência ingênua se destaca ao estar centrada em si mesma, não admitindo os processos de influência que a realidade objetiva tem sobre ela. Ela se vê como atemporal e incriada. Em contraposto, há a consciência crítica, que reflete a sua existência dialeticamente com a realidade, penetrando na essência fenomênica do objeto (FREIRE, 1980). A conscientização descrita por Paulo Freire seria justamente o processo de passagem da consciência ingênua para a crítica, ultrapassando o mero ato falsamente intelectual de tomada de consciência que recai sobre a ingenuidade. Em outras palavras, o ato crítico do conhecimento consiste no exame racional do objeto, tornando consciente os seus fundamentos, condicionamentos e seus limites, ao passo que se faz a verificação destes nos processos históricos reais (NETTO, 2009). A conscientização se dá na criticidade da consciência, no desvelamento e no agir do ser na relação consciência-mundo (FREIRE, 1980).

O processo de apreensão do real por parte do sujeito nos revela a vocação ontológica enquanto essa capacidade de ser mais (FREIRE, 1980), de sermos seres livres que negam sua certeza acerca do objeto percebido, e que, ao negarem-no, o assimilam criticamente, buscando versões mais potentes de seu entendimento do objeto e do seu próprio ser consciente de si, de ser melhor que seu eu de ontem e construir, a partir do hoje, seu amanhã. Porém, na situação de opressão, o ser consciente, historicamente privilegiado, objetiva e destrói o outro em seu processo de apreensão do mundo, transportando-o à uma categoria inferior, não humana, o ser menos. Neste sentido, a opressão se configura e é efetivada quando se constitui em um ato proibitivo do ser em sua apreensão do real, a negação do ser mais (FREIRE, 2021). As relações sócio-históricas de opressão fazem com que tanto opressores quanto oprimidos participem de um processo de desumanização que limita a consciência de seus projetos possíveis e trajetórias já realizados. A história de classes se vê repleta de exemplos que demonstram essa realidade desumanizadora. Do colonialismo ao imperialismo, passando pelo machismo, racismo e LGBTQIAP+fobia, todos esses regimes de opressão negam a capacidade dos indivíduos de serem livres para si.

O processo de conscientização descrito por Freire (1980) é um processo de retomada dessa capacidade negada. O educando percebe a situação de opressão, encontra o seu lugar nela, se posiciona politicamente e age com fins a superar a sua opressão ou a opressão do outro. Se ver como oprimido é o primeiro passo. Depois, o educando se entende também como opressor em

uma relação diferente. Por exemplo, uma mesma pessoa pode ser oprimida na relação de classe, caso seja trabalhadora assalariada, e opressora na relação de gênero, caso seja um homem (BOAL, 1979). O importante aqui não é só se identificar com a opressão, mas também agir para liberta-se da mesma.

Esta é a essência do design enquanto um projeto da existência humana: continuar sendo livre no contexto vindouro, ou seja, numa situação diferente da que já se está. Neste sentido, o design exerce o papel de ponte para a realização material da abstração cultivada nas mentes e buriladas nas mãos das pessoas. A partir da conscientização das pessoas acerca de suas realidades como seres oprimidos — seja de classe, raça, gênero, etnia, etc. e suas respectivas intersecções — pelas condições sócio-históricas e de suas capacidades de transformação do mundo, as pessoas podem lidar com as contradições desta realidade sem reducionismos, criando, assim, formas mais complexas de ser e de viver. A transmissão cultural dessas formas de ser e de viver coloca um desafio grandioso para a educação, principalmente, para a educação de designers, pois o design costuma ser ensinado e praticado em um escopo muito mais reduzido.

3. Existência e educação crítica

Como já apresentado, Vieira Pinto (2020) e Freire (1980; 2021) entendem que nossa forma de perceber a realidade transita entre ser ingênua e crítica. A primeira se considera independente e não condicionada pela realidade, e portanto não precisa investigá-la. Já a consciência crítica reconhece que é justamente condicionada por essa realidade, e portanto é necessário investigar como esses condicionamentos ocorrem e como podem ser transformados. Cabe à educação crítica promover meios de nos aproximar cada vez mais da consciência crítica para possibilitar a percepção e transformação das relações opressoras que nos condicionam.

Assumir design como projeto existencial implica em trilhar trajetos muito diferentes dos já realizados pela Educação em Design. Analisando criticamente, por exemplo, a aplicação de métodos centrados em um usuário na intenção de transformarmos o mundo num lugar melhor para ele sem que haja a sua real participação no projeto Isso é equivalente a uma censura das capacidades criativas dos “usuários” como produtores de sua própria existência (GONZATTO, 2018), visto a capacidade intrinsecamente humana de projetar (VIEIRA PINTO, 2005), que não deveria ser privilégio apenas de uma classe de designers profissionais.

Como mencionado, a teoria do design geralmente não considera essa dimensão existencial do design. Quando o faz, a contradição é ofuscada por afirmações audaciosas como “todos são designers” (MANZINI, 2014).

Na perspectiva dialético-existencial, todos são designers, mas alguns são mais designers do que outros. A paráfrase da afirmação alegórica de George Orwell (1945) de que “(na fazenda) todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que outros” encapsula a contradição entre direitos e privilégios que a teoria do design precisa encarar. Em uma sociedade estruturada por classe, gênero, raça e outras formas de opressão, o direito de projetar os meios de existência é negado em prol de um privilégio de poucos. Grupos historicamente desprivilegiados são considerados incapazes de projetar suas condições de existência, mesmo que o tenham feito por séculos. O direito de projetar é negado em favor de uma noção paternalista de uso, ou seja, de que os oprimidos são sempre os usuários do design e nunca os seus protagonistas (GONZATTO, 2018).

Em tais circunstâncias históricas, é possível apelar aos direitos humanos e incluir o design como um direito universal de todos os seres humanos: o direito de projetar a si mesmo com base em seus próprios propósitos. Isso não é uma premissa ética nova no design. O design participativo é uma abordagem de projeto que, desde os anos 1970, combate este privilégio. Inspirada nos escritos de Paulo Freire (RIBEIRO, 2018), dentre outros autores, o design participativo se propõe a incluir todos aqueles que são afetados por um projeto (EHN, 1988).

Lançando mão da análise crítica sobre a educação como uma prática bancária (FREIRE, 1980) — na qual o professor, detentor de todo o conhecimento, vai “depositando” nas cabeças de alunos o que o sistema educacional julga ser necessário, deixando de lado o “saber de experiência feito” — cria-se uma hierarquia entre aquele que sabe, e aqueles que não sabem, e por isso devem ser iluminados. O design participativo busca romper com esta noção hierarquizante, exercendo a solidariedade para com aquelas pessoas que têm sua criatividade tolhidas, visto que o processo de emancipação e conscientização se faz na atividade dialógica, quando as pessoas se entendem como detentoras de saber e que, através de sua inserção num processo projetual feito com elas e não para elas, podem ter um papel importante na resolução de problemas complexos.

Deste modo, “não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de ‘coisas’. Por isso, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho –, também não é libertação de uns feita por outros” (FREIRE, 2021, p. 74). Sendo assim, a educação libertadora em design não pode ser feita apenas por designers, mas também por usuários, em comum, inseridos em projetos participativos que visam a transformação de suas realidades. Esta busca difere o design participativo das práticas colaborativas do design hegemônico que também envolvem usuários. Enquanto

a primeira tem a formação de consciência crítica e a libertação das opressões como propósito primordial, a última se aproveita de uma participação domesticada e ingênua, que não questiona as relações de poder e continua a criar produtos que reforçam os modos de existência entre opressores e oprimidos.

No design participativo, os usuários participam dos jogos de projetar propostos pelos designers e assim adquirem novas linguagens para transformar sua realidade (EHN, 1988). Segundo Paulo Freire (2021), ao ler um livro, jornal, histórias em quadrinhos, entre outros, não estamos apenas mecanicamente lendo. A linguagem falada e, principalmente, a escrita nos é ensinada como uma habilidade motora, e o fazemos como tal. É uma atividade cultural complexa que envolve posicionamentos políticos (VYGOTSKY, 1991). Freire (2021) pontua que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, o que significa que trata-se de um contato com o mundo que, mediado por este mesmo mundo, as pessoas possam se educar e projetar as suas existências.

Essa visão expandida de educação nos abre a possibilidade de repensarmos o ensino e a prática projetual do design, sobretudo nos exercícios participativos. Quando escrevemos sobre a necessidade de inserirmos o pensamento de Paulo Freire nos processos educativos e de projeto de design não é sobre exercer uma sloganização, citar suas frases e pensamentos para a ornamentação da prática. Mas sim, sobre a inserção da práxis dentro do design, refletir criticamente sobre o papel de “fazedoras do mundo” que cada pessoa tem em busca de ser mais, em um processo de conscientização do sujeito acerca de sua realidade objetiva e de como transformá-la.

Para evitarmos que nossa atuação seja pautada em um messianismo que ilumina palavras àquelas e àqueles na escuridão, criando assim outra perigosa contradição, devemos exercer a práxis. Para Freire (2021), a consciência e a esperança idealista por si só não dão cabo das mudanças necessárias do mundo. A práxis deve ser entendida na relação dialética entre prática e teoria que nos faz desvelar, conhecer e recriar o mundo a partir de suas contradições (EHN, 1988). Portanto, na próxima seção iremos descrever atividades fundadoras da práxis de um laboratório de design contra opressões orientada pela perspectiva dialético-existencial apresentada até aqui.

4. Experimentando formas de combater a opressão através do design

Na UTFPR, desde 2021, o projeto de extensão LADO (Laboratório de Design contra Opressões) produz um espaço que busca realizar experimentos de fazer e pensar design contra a opressão. Partindo do princípio de que a

opressão é uma contradição que os oprimidos precisam superar através de muita luta, as atividades do LADO visam experimentar como o design pode se posicionar coerentemente nesta luta em busca do ser mais. O próprio nome do laboratório é uma alusão à ação política de tomar um lado desta contradição. Conforme coloca o arcebispo e ativista político Desmond Tutu, “se você fica neutro em uma situação de injustiça, você escolhe o lado do opressor”. A participação nos experimentos do LADO é, por si só, uma espécie de declaração de apoio aos oprimidos.

Os objetivos do LADO são: a (1) formação crítica em design, auxiliando no desvelamento da sua dimensão opressiva, ao mesmo tempo em que potencializa formas libertadoras de projetar; (2) a abertura horizontal para a práxis do design, entendendo que todas as pessoas não só tem a capacidade, como o direito de projetar seus mundos; e (3) resgatar, valorizar e/ou desinvisibilizar outras formas de pensar e criar o mundo à nossa volta, principalmente a partir de pensadoras e pensadores latino-americanos e dos conhecimentos e práticas dos movimentos sociais populares.

No que tange à sua organização interna, o LADO mantém suas atividades por meio da autogestão (GONZATTO et al., 2021), que busca substituir hierarquias pelo diálogo horizontal. A realização das ações ocorre por meio de Grupos de Trabalho (GTs), que podem ser propostos por qualquer participante e que se mantêm abertos para quem quiser se engajar no corpo coletivo. Os GTs não tem uma liderança autocrática, mas sim uma ou mais pessoas que assumem o papel de “puxadoras” do grupo, incentivando a participação, convocando encontros ou sendo mais ativa na proposição de ações. As decisões e ações, porém, são sempre coletivas.

Para evitar que cada GT atue de maneira isolada há uma reunião semanal de articulação, o bate-bumbo, denominada assim por alusão a um dos principais instrumentos utilizado em rodas de Samba para marcar o ritmo de fundo. Nesta reunião, que dura no máximo uma hora, os grupos contam suas novidades e pedem ajuda dos demais GTs caso precisem. Na reunião, também são criados, mesclados ou desfeitos os GTs existentes. Batendo o bumbo, esse corpo projetual coletivo (ANGELON e VAN AMSTEL, 2021), formado por diversos grupos independentes, se alinha e se realinha para seguir juntos nas diversas lutas contra a opressão.

O início do projeto de extensão se deu em 2021, em resposta a um manifesto escrito por estudantes de design sobre a necessidade de maior politização da sua própria formação (ANGELON e VAN AMSTEL, 2021). A Rede Design & Opressão já havia acolhido alguns desses estudantes em suas atividades remotas de formação crítica em design (SERPA et al., 2022), porém, os estudantes queriam desenvolver projetos de extensão junto à comunidade

no entorno da universidade. O laboratório foi fundado, então, como uma das unidades dessa coalizão insurgente de design (VAN AMSTEL et al., 2021).

Os primeiros experimentos do LADO foram realizados na modalidade remota devido à pandemia COVID-19, seguindo o modelo de apropriação pedagógica do aplicativo Discord criado pela Rede Design & Opressão (SERPA et al., 2022). Nesse primeiro momento, a contradição principal era entre a educação bancária (FREIRE, 1980) predominante na educação remota emergencial da universidade e a educação libertadora da Rede Design & Opressão, que dependia da autonomia do estudante que a educação bancária desincentivava.

No ano de 2022, quando as atividades começaram a ser realizadas presencialmente em um espaço dentro da universidade, novas contradições surgiram. Uma delas era como se constituíam as relações de poder no espaço entre os participantes da atividade extensionista. Por exemplo, a Figura 1 apresenta a configuração espacial típica da reunião de bate-bumbo, que visa reduzir a hierarquia no espaço social, mas que ainda se baseia na loquacidade para distribuir o espaço de fala.



FIGURA 1. Encontro semanal do bate-bumbo. (fonte: acervo do LADO)

A formação crítica buscada pelo LADO precisa ocorrer, portanto, em pelo menos dois níveis. Primeiro interno, de modo que nosso modelo de gestão, nosso espaço físico e nossas práticas projetuais sejam coerentes com a educação libertadora e preparem os estudantes para agir com a comunidade, em um segundo nível extensionista e externo, também de forma autônoma,

dialógica e crítica. Ambos os níveis de formação, começando pelo primeiro, são apresentados a seguir.

4.1 Experimentos projetuais e formação crítica dentro do LADO

Vendo a necessidade de criar um lugar que refletisse melhor as diversas culturas e modos de ser de seus participantes, foi criado um GT intitulado Nosso LADO, responsável por articular dinâmicas e práticas projetuais que buscassem modificar a materialidade do laboratório e, ao mesmo tempo, analisá-la num processo de tomada de consciência dos alunos sobre seus papéis dentro da universidade, tomando um lado enquanto tal e expandindo-o para fora (SANTOS, 2023). Apesar da existência de outros GTs, neste texto destacamos o Nosso LADO por articular de maneira mais evidente a perspectiva dialético-existencial de projeto de Vieira Pinto e Freire.

Na busca de um modo de projetar que fosse diferente daqueles comumente praticados no design, nos inspiramos no Método Elos² para gerarmos um método de design participativo que, na medida do possível, abarcasse os diversos corpos individuais que compõem esse corpo coletivo maior. Tentando entender e acolher a liberdade criativa de cada participante, articulamos nosso método em seis fases (Figura 2): a) olhar e ter afeto, na qual observamos as características positivas e potencialidades que temos no espaço e nas pessoas; b) sonhar, para sabermos quais os sonhos individuais e que depois se manifestaram na coletividade; c) experimentar e nos cuidar, para testar produtos e serviços por meio de desenhos, mockups e protótipos; d) construir e materializar as ideias; e) celebrar o esforço coletivo; f) re-evolucionar, para refletirmos e analisarmos coletivamente sobre o processo, já imaginando a continuação de novos ciclos. No caso do LADO, nossa contribuição à Metodologia Elos foi justamente transformar essa última etapa em um exercício de discussão e formação crítica.

- 2 O método Elos é um conjunto de diretrizes que guiam as práticas do Instituto Elos, sendo elas: olhar, afeto, sonho, cuidado, milagre, celebração e re-evolução. O instituto tem como objetivo, a partir do seu método, incentivar o desenvolvimento comunitário por meio do protagonismo cidadão, capacitando-os para responder aos problemas locais (ALVES, 2018; MARMENTINI e PINHEIRO, 2017).

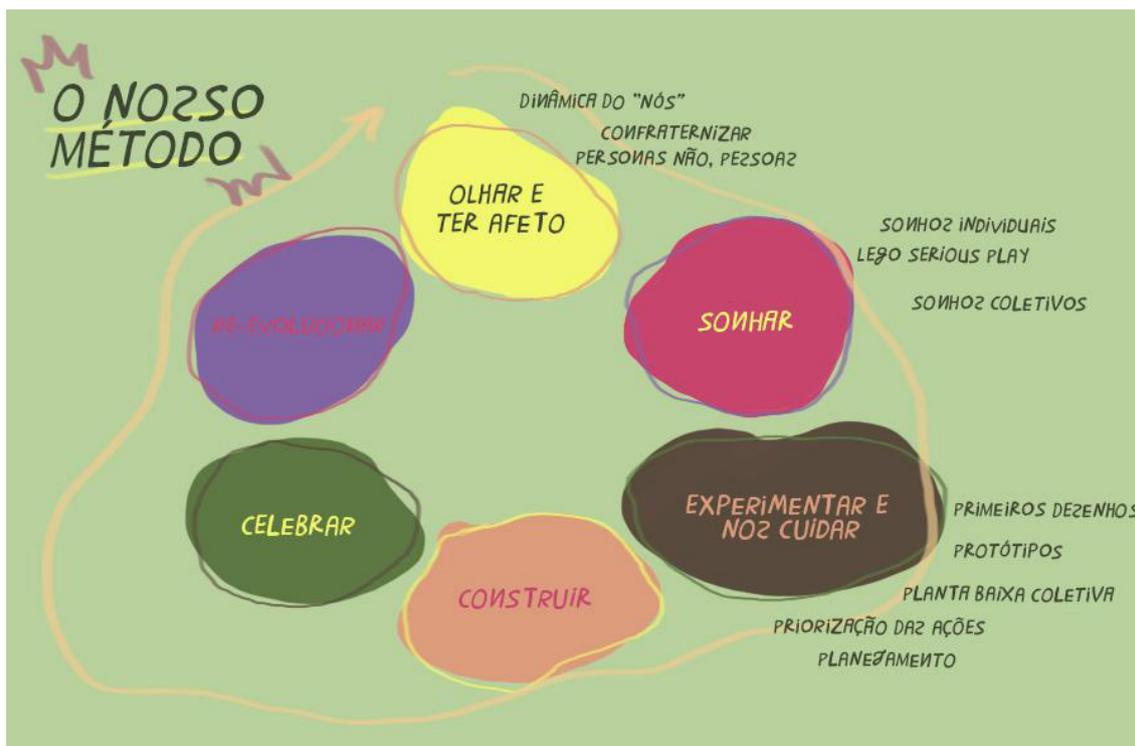


FIGURA 2. O nosso método. (fonte: do autor)

O primeiro experimento de olhar e ter afeto buscava conhecer melhor cada participante, suas potencialidades e criar uma rede de solidariedade. Trata-se de um processo de conhecimento interpessoal que visa conhecer e unir o grupo. O mesmo foi realizado a partir de uma dinâmica que quebra padrões do design hegemônico, questionando a maneira genérica de objetificar a subjetividade de usuários em métodos como Personas (COOPER, 1999). “Personas não, pessoas” é um experimento em que cada pessoa, munida de lápis e papel, descreve livremente — em sua forma e conteúdo — aspectos de sua personalidade, coisas que gosta de fazer, no que acha ser boa, etc. Em seguida, este papel é colado com fita no corpo da pessoa. Todos caminham livremente para conversar entre si sobre tais aspectos (Figura 3). A dinâmica não apenas conectou os participantes de maneira sensível, mas também nos mostrou quais as potencialidades individuais que tínhamos disponíveis para realizar um sonho coletivo. Não estávamos interessados em olhar apenas para os problemas ou para o que faltava naquele contexto, mas sim para o que já tínhamos de abundância e para as relações possíveis que ali surgiriam.

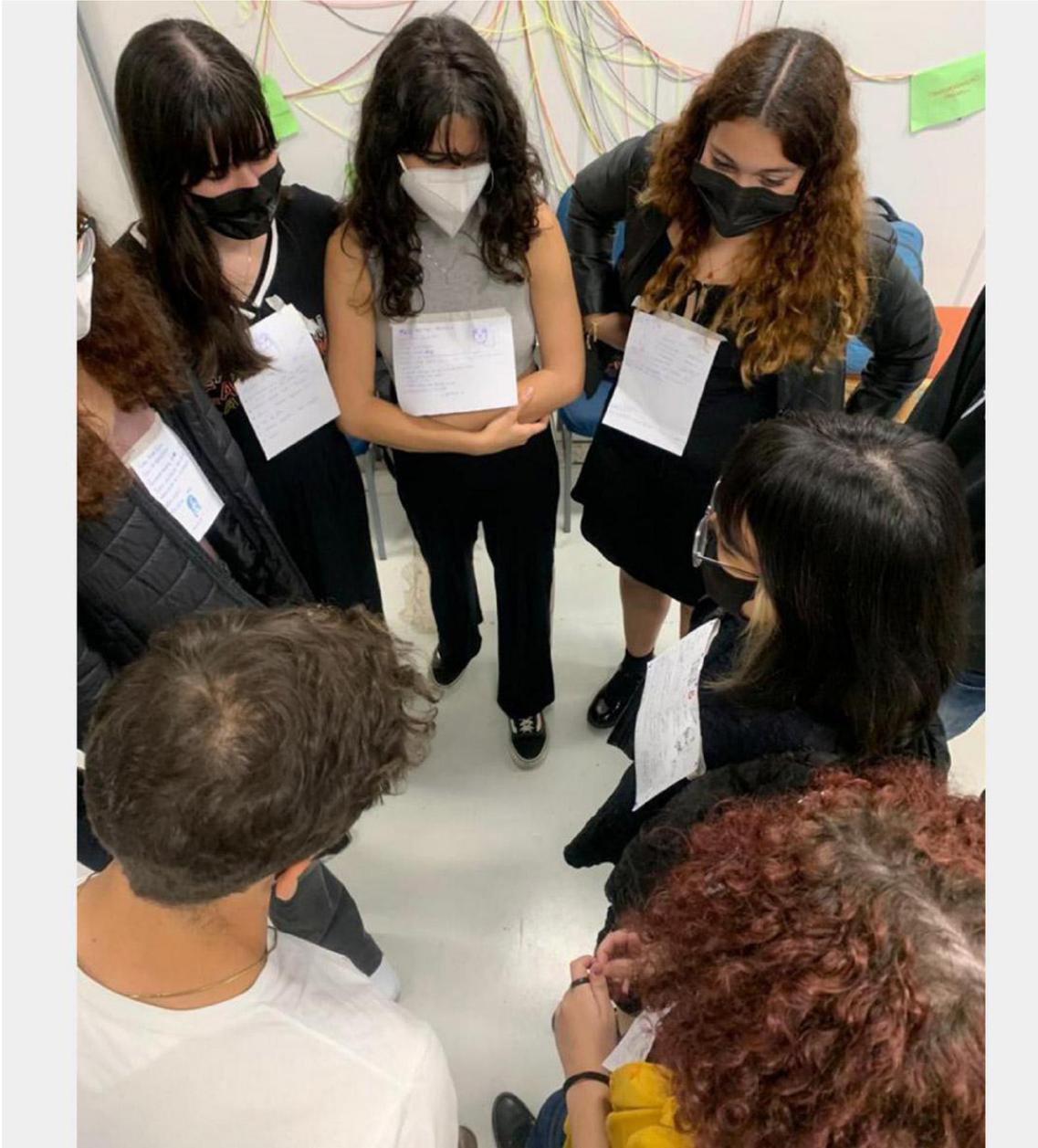


FIGURA 3. Experimento “Personas não, pessoas”. (fonte: acervo do LADO)

Em seguida, os integrantes expressaram seus sonhos para o espaço de forma abstrata e/ou concreta (Figura 4). O sonhar poderia ser realizado com qualquer linguagem desejada, seja desenho, escrita, etc. Neste experimento, o processo de conscientização já começava a ficar mais evidente, visto que vários desejos descritos tratavam de opressões sentidas diariamente, nem sempre percebidas e discutidas publicamente. Pequenas partes de si já estavam sendo compartilhadas para construir um corpo coletivo, uma coalizão de design (ELEUTÉRIO e VAN AMSTEL, 2023; ANGELON e VAN AMSTEL, 2021).



FIGURA 4. Experimento de sonhos individuais dos participantes do LADO. (fonte: acervo do LADO)

Com o objetivo de tangibilizar e conectar metaforicamente esses sonhos, foi realizado um experimento com o método de criatividade Lego Serious Play³. Cada participante deveria, primeiramente, representar contradições da realidade de forma caricata e conceitual que gostaria de transformar naquele espaço, abrindo caminho para aquelas pessoas que se sentiam inseguras com a linguagem falada ou escrita mostrarem suas ideias com uma

3 Baseado no conceito de “conhecimento das mãos”, o método visa facilitar através de blocos de montar do tipo Lego o engajamento de todas as pessoas participantes em um projeto, de forma a melhorar a comunicação, pensamento e construção de ideias (KRISTIENSEN e RASMUSSEN, 2015).

linguagem tridimensional metafórica. Depois de montar seus modelos individuais, os participantes do experimento montaram um modelo coletivo que agregava todos os modelos individuais (Figura 5). Cada modelo apresentado suscitava um diálogo rico em posicionamentos e reflexividade. A visão geral dos posicionamentos permitiu (des)nortear os planos futuros para o projeto Nosso LADO: a) buscar mais diversidade e alegria nos espaços; b) evitar artefatos que excluam e dividam, e c) sempre ter a luta contra as opressões como guia.



FIGURA 5. Experimento com Lego Serious Play para criação do nosso sonho coletivo. (fonte: acervo do LADO)

Dando um passo a mais na direção da realização dos sonhos compartilhados, passamos a desenhar coletivamente a planta baixa do espaço e os artefatos que ali deveriam existir. Com o diálogo aberto, fomos percebendo as vontades que se sobrepunham, mas também as nuances e diferenças de cada um. Cada um sentia o mundo ao seu redor de uma maneira que poderia ou não ser sentida pelo próximo. Era crucial que as maneiras de sentir o mundo fossem acolhidas, respeitadas e preservadas, muito embora pudessem também se transformar em novas sensações pelo contato com os outros. Experimentar e nos cuidar, portanto, andavam de mãos dadas.

Muito lápis, caneta, papel Kraft foram necessários para transpor objetivamente todos esses aspectos discutidos no plano das ideias. O resultado foram diversos mockups e plantas baixas para o espaço do LADO (ex: Figura 6). Ideias como um mural artístico participativo, plantas, cores, um espaço

para o café, biblioteca compartilhada de obras literárias e cadeiras customizadas começaram a tomar forma e se destacar como prioritários.



FIGURA 6. Experimento de desenho coletivo da planta baixa do espaço do LADO. (fonte: acervo do LADO)

A primeira realização de um sonho ocorreu com a reforma das cadeiras que tínhamos disponíveis no ambiente do laboratório. Em paralelo a este experimento, foi realizado outro experimento de criação coletiva de um mural em comemoração aos cem anos de Paulo Freire. Alguns dos resultados da etapa construir podem ser vistos na Figura 7, que mostra um espaço diferente das salas da universidade que nos abriga, justamente porque foi criado a partir dos anseios dos próprios estudantes e não por uma agenda de design vinda de além-mar.



FIGURA 7. Experimentos de customização de cadeiras e de mural artístico participativo desenvolvido pelos participantes do LADO. (fonte: acervo do LADO)

Visando celebrar o progresso feito pelo grupo, realizamos uma “festa das cadeiras”. Na oportunidade cada pessoa deu um nome para a cadeira na qual estava sentada, refletindo a sua percepção estética daquele espaço. Em seguida, praticamos o Jogo de Xadrez do Teatro do Oprimido (BOAL, 2002). Como mostra a figura 8, o jogo consistia em (des)organizar as cadeiras pelo espaço de forma aleatória. Os participantes permaneceram sentados, com exceção de dois, sobrando apenas um assento livre. Destes atores que permaneceram em pé, um caminhava lentamente buscando sentar-se onde estava vago, enquanto o outro assumia o papel de mediador que gestualmente direcionava aqueles sentados para a cadeira vazia, tentando evitar que o primeiro se sentasse. Através dos direcionamentos gestuais, o mediador incorporava metaforicamente o papel do líder em um ambiente autogestionário, que se revela aquele que puxa e incentiva a ação dos demais atores mas que, sem a participação sincronizada do coletivo, não alcança feitos significativos.

Pensar a diferença entre líderes, mediadores e seguidores por meio deste jogo de teatro articulou dialeticamente a prática e teoria da autogestão. Os

participantes perceberam que a opressão nem sempre se manifesta de maneira explícita, mas também na forma como um oprimido reage à opressão isoladamente, por exemplo, tomando uma postura autocrática ou leniente em relação aos outros. Nesse experimento com Teatro do Oprimido, foram ensaiadas diversas reações à opressão, algumas com maior sucesso do que outras.



FIGURA 8. Experimento de Jogo de Xadrez do Teatro do Oprimido. (fonte: acervo do LADO)

Na fase de re-evolucionar, em que se fazem reflexões sobre o que já foi feito, percebemos como a própria construção coletiva do espaço do LADO já poderia ser considerada uma atividade de formação crítica, pois desenvolveu dimensões da opressão que ocorrem na própria constituição do espaço universitário, assim como no menosprezo pela capacidade de projetar de quem ainda não é um designer diplomado para isso. Em conversas com participantes do projeto, frases como “aprendi a conviver, conversar, entrar em acordo com as diferenças da galera” evidenciaram as aprendizagens sobre Design Participativo (EHN, 1988). Essa oportunidade é rara na educação do design pois, certas vezes, por não levar em conta as diferenças positivas de corpos e ideias, os estudantes são levados a reproduzir um padrão de projeto colonial (ANGELON e VAN AMSTEL, 2021). Após essas conversas, foram

feitas intervenções artísticas nos registros fotográficos dos arquivos do LADO (Fig. 9), como forma de lembrar o processo vivido e refletir criticamente sobre ele, afirmando graficamente o posicionamento dos participantes do laboratório em relação à opressão, enfim, de que LADO eles estavam.



FIGURA 9. Experimento de intervenção artística em fotos do LADO. (fonte: acervo do LADO).

Em paralelo ao GT Nosso LADO, foi criado o GT Pensamento Crítico como parte da fase re-evolucionar. Os primeiros experimentos do GT foram

atividades pedagógicas voltados para temáticas contra-hegemônicas, como por exemplo a roda de conversa “Por um design que liberte” ou o clube de leitura do livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (1980). Porém, essa abordagem mostrou-se limitada para atrair novos participantes para o LADO, principalmente por, de forma contraditória, ignorar os próprios preceitos freireanos de uma educação que se desenvolva a partir do interesse dos educandos. Para muitos designers em formação, principalmente no início do curso, mesmo fazendo parte de diversos grupos oprimidos, a discussão sobre opressão e suas relações com o design não está entre suas prioridades, fruto de uma consciência ainda ingênua. A partir da reflexão autocrítica, o GT começou a adotar o princípio dos temas geradores de Freire (2021) e pesquisar temas de interesse junto aos estudantes.

O tema mercado de trabalho foi abordado por meio de uma conversa sobre cooperativismo e outras formas não capitalistas de trabalho. Já o interesse dos estudantes pela aprendizagem de softwares foi contemplado por uma oficina de colagens digitais politizadas. A vontade de fazer ativismo no design foi trabalhada na oficina de Lambe Lambe com temas ligados à opressão. Como pode ser visto na Figura 10, essas ações conseguiram atrair novos participantes. Os experimentos partiram de interesses que muitas vezes ainda estavam na consciência ingênua dos estudantes, mas que puderam ser abordados pelo processo de conscientização coletiva em níveis maiores de criticidade gradualmente pela interação com colegas.



FIGURA 10. Oficina de Lambe Lambe e roda de conversa “Dá pra pagar boleto trabalhando para movimentos sociais?”. (fonte: acervo do LADO)

Essa primeira parte da apresentação das experiências do LADO focou em apresentar as estratégias utilizadas para refletir e agir nas relações opressoras dentro da própria universidade e da formação em design, que muitas vezes ainda refletem a lógica bancária. Esses exercícios que valorizavam a participação, diálogo e autonomia preparam melhor os estudantes para as ações extensionistas com a comunidade externa, de modo a executá-las seguindo esses mesmos valores, como será apresentado a seguir.

4.2 Práticas extensionistas e projetos existenciais com a comunidade externa

A formação crítica que se configurava no LADO não estaria completa sem a tentativa de transformar a realidade da comunidade no entorno da universidade através da participação em projetos existenciais. O que o LADO busca — e ainda está aprendendo a desenvolver — é uma práxis de design em que a formação crítica e a prática extensionista ocorram em diálogo constante, tal como Freire (2014) preconiza. Nesse sentido, o design participativo do GT Nosso LADO e a pedagogia crítica do GT Pensamento Crítico visam apoiar a produção de espaços críticos em diálogo com comunidades oprimidas e movimentos sociais.

A seguir, descrevemos sucintamente três experimentos desenvolvidos pelo LADO com a comunidade no entorno da universidade. “Construindo nosso Iguaçu” (Fig. 11), em aliança com o movimento Uniperifa e O Povo pelo Povo, que busca melhorar a infraestrutura pública de um bairro periférico que sofre descaso por parte da Prefeitura de Curitiba. Este projeto de urbanização em favelas realocou pessoas próximas ao centro da cidade para as áreas periféricas, deixando as pessoas desconectadas da cidade e com pouco senso de comunidade. O projeto existencial identificou diversas questões de sustentabilidade que exigiam o aumento desse senso de comunidade, como, por exemplo, fazer lobby para a coleta pública de lixo. Após a realização de uma oficina de design participativo, decidimos nos concentrar na renovação do centro comunitário como um sinal do poder de mobilização. Estudantes de design se juntaram ao coletivo Uniperifa para renovar o centro comunitário de Iguaçu, fazendo também coisas que normalmente não são associadas ao trabalho de design, como limpeza e organização do espaço. Os estudantes aprenderam que precisavam se identificar com os oprimidos para projetar e criar coisas com os oprimidos, pelos oprimidos e para os oprimidos. Subvertendo a lógica da Prefeitura, os moradores da comunidade passaram de meros usuários de projetos existenciais alheios para assumir o papel de designers de seus próprios projetos.



FIGURA 11. Projeto Construindo Nosso Iguçu. (fonte: acervo do LADO)

Em um contexto semelhante, o projeto ECOA busca avaliar as moradias de emergência construídas com apoio da ONG TETO sob a perspectiva dos moradores. Na Figura 12, podemos ver os voluntários e moradores conversando. Mais do que perguntas sobre as condições da moradia, se questiona o que significa para eles viverem nela e o que mudou desde que trabalharam em conjunto com a ONG. Essas pessoas geralmente migraram do campo para a cidade e não conseguiram encontrar um lugar para morar, assim ocuparam e construíram moradias precárias nos arredores da cidade gerando inúmeros conflitos fundiários. Devido a esses conflitos, várias décadas são necessárias para que o governo e a sociedade acolham as favelas na cidade e as forneçam infraestrutura adequada. Enquanto isso, eles improvisam seus projetos existenciais. Nesse sentido, tentamos avaliar o que significa para eles a mudança em sua condição material e como podemos apoiar seus projetos existenciais.



FIGURA 12. Projeto ECOA. (fonte: acervo do LADO)

Por fim, o Projeto Identidade (Fig. 13), em aliança com associações comunitárias e organizações de economia solidária, tem como objetivo desenvolver identidades visuais para empreendimentos baseados na solidariedade ou pequenos empreendedores em comunidades oprimidas. Nesse processo de design, o método foi decidido em comunhão com os envolvidos. Um exemplo disso foi quando a comunidade decidiu não seguir a proposta do designer de desenhar os logotipos de forma colaborativa, o processo participativo mais óbvio. Em vez disso, optaram por trabalhar em conceitos e significados (momentos abstratos e estratégicos do processo de design) que foram materializados pelos estudantes de design posteriormente. Além disso, oferecemos cursos e consultorias sobre softwares e fotografia, visando a emancipação da comunidade na criação de seus próprios materiais gráficos.



FIGURA 13. Projeto Identidade. (fonte: acervo do LADO)

Os estudantes de design que participaram desses projetos existenciais participaram também dos experimentos anteriores do LADO, incluindo aqueles realizados pelos GTs Nosso LADO e Pensamento Crítico. A formação crítica preparou os estudantes para uma prática extensionista ao qual eles não estariam preparados pela educação formal em design oferecida naquele momento. Por outro lado, o sucesso dos experimentos realizados pelo LADO acabou influenciando a revisão do projeto pedagógico do Curso de Bacharelado em Design da mesma instituição. Em vez de disciplinas extensionistas oferecidas isoladamente por professores para cumprir com as novas demandas de extensão na graduação, o modelo de laboratórios geridos por estudantes e professores se tornou referência para a prática extensionista, tendo o LADO como um dos principais em atividade.

5.Considerações finais: Refletindo sobre a práxis do LADO

O design, aprendido por meio de uma pedagogia crítica, pode se tornar uma prática de liberdade, não de opressão, desde que os oprimidos sejam os protagonistas do processo (SERPA *et al*, 2022). Na educação em Design, há pelo menos duas relações opressivas muito evidentes que buscam ser superadas pela práxis do LADO: a entre professores e estudantes de design e a entre designers e usuários/comunidade externa. Neste caso, isso ocorreu

através de um diálogo horizontal constante entre alunos e alunos, alunos e professores, professores e membros da comunidade, alunos e membros da comunidade, e membros da comunidade entre si. Nesses diálogos, analisamos e praticamos o design de maneira crítica, não existindo um método rígido para guiar o desenvolvimento destes projetos existenciais, pois seria contraditório com a premissa do design como um direito humano. Por outro lado, o praticamos como uma série de momentos que ditam nosso ethos, respeitando a epistemologia da práxis. Os métodos mais adequados parecem ser aqueles que colocam os oprimidos como protagonistas do projeto, tal como o design participativo (EHN, 1988) e o Método Elos (ALVES, 2018), que guiaram o GT Nosso LADO. Alguns pontos em comum que podemos citar são: a) a aliança com movimentos sociais para desenvolvimento conjunto desses projetos; b) a valorização das vozes de todos os participantes; c) a presença em território fora das paredes da universidade; d) o papel do design não como liderança, nem como mediação, mas sim como aliado solidário que está pronto para ajudar como for necessário; e) a adoção de valores como humildade, solidariedade, afeto e esperança; f) a valorização da autonomia; g) a busca pela consciência crítica e pela superação de relações de opressão a partir de nosso posicionamento político.

Admitir a inexorabilidade do design hegemônico implica em constantemente ressignificar e recriar o que entendemos como design. Conforme Johan Redström (2017) ressaltou, todo design que emerge de um programa de pesquisa de design coerente é, ao mesmo tempo, uma definição de design feita por meio desse próprio design. Isso não é apenas um exercício linguístico. Redefinir o design permite aos designers acolher o “inédito viável” (FREIRE, 2021), abrindo portas para a ação transformadora, enquanto examina, simultaneamente, por meio da teoria, as contradições geradas pelas ações dos designers.

Na construção participativa do espaço do laboratório, nos encontros formativos e também no trabalho com movimentos sociais, os participantes perceberam as opressões sentidas, mas que nem sempre são entendidas claramente devido à consciência ingênua (VIEIRA PINTO, 2020). As práticas realizadas dentro e fora do LADO denunciam estruturas injustas por meio da inserção de análise crítica da realidade articulada pelos sujeitos ali presentes. Esta denúncia é típica do processo de conscientização e emancipação em um design participativo que acolhe as mais diversas pessoas e instiga a geração da consciência crítica (SANTOS, 2002), visto que pretende possibilitar a desmistificação do mundo e a possibilidade de anúncio de um menos desumanizante (FREIRE, 1980).

Ao longo dos experimentos, percebeu-se como aqueles mais engajados nas ideias e práticas foram além no processo de conscientização coletiva. A vontade e a ação do ser com autonomia são indispensáveis para transformar em realidade a imagem subjetiva de um futuro a ser feito por meio de projetos existenciais. Nesse sentido, é notável ver como alguns estudantes participantes do LADO desenvolveram grande autonomia, conduzindo ações de formação, como a oficina de Lambe Lambe, o clube do livro ou o desenvolvimento do mural em homenagem a Paulo Freire. Entretanto, também se mostra desafiador que essa autonomia ainda não esteja plenamente presente em muitos participantes do LADO, que têm dificuldade de se libertar do papel de ouvinte passivo que a universidade na maioria das vezes lhes confere (ANGELON e VAN AMSTEL, 2021).

Outro desafio que vem da epistemologia freireana é a práxis, conceito caro ao LADO, mas que muitas vezes foi difícil de realizar, com momentos do projeto muito focados em discussões críticas que pouco impactaram no entorno, assim como momentos de muita ação onde a reflexão foi deixada mais ao lado do LADO. O desenvolvimento da consciência crítica aliada à transformação da realidade é um desafio constante.

No tocante à descrição aqui oferecida, nota-se a dificuldade de documentação, visto que a escrita centrada em “poucas mãos” não abarca essa horizontalidade que buscamos no espaço do projeto existencial. Com o argumento de uma neutralidade da forma, o campo específico da pesquisa acadêmica é reducionista na representação das diferenças (ARCOVERDE JUNIOR, 2021). Aqui fica o questionamento acerca dos limites de registro no campo universitário: como documentar de forma a não propagar opressões por meio da forma e da linguagem? Como criar registros de um projeto acadêmico que subverta os usos da linguagem, de maneira a reconhecer a diversidade dos seres?

Com este trabalho, nos propusemos a pensar o design como projeto existencial e, portanto, um direito humano, lançando mão de dois pensadores latino-americanos, Álvaro Vieira Pinto (2005; 2020; 2021) e Paulo Freire (1980; 2021). A perspectiva dialético-existencial não é contra a profissionalização do design; ela permite vislumbrar uma nova forma de atuação para este profissional, como um catalisador do processo participativo de um defensor do direito de se auto-projetar. Nessa perspectiva, todo ser humano deve exercer seus direitos democráticos também no espaço do projeto, projetando assim suas existências através de um design participativo que instigue a consciência crítica nas pessoas e as engaje na construção de um futuro menos opressivo. Neste sentido, outros designs munidos de ferramentas ontológicas e epistemológicas dos excertos Freireanos tem grande potencial

para questionar “quem cria o mundo” e “quem tem o direito de projetar este mundo”, bem como exercer esta práxis contra-hegemônica que é, ao nosso ver, libertadora e revolucionária.

Referências

ALVES, Lucas Bezerra. **Exercícios de mobilização sócio-espacial: o Jogo Oasis**. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

ANGELON, Rafaela; VAN AMSTEL, Frederick. Monster aesthetics as an expression of decolonizing the design body. **Art, Design & Communication in Higher Education**, v. 20, n. 1, p. 83-102, 2021. https://doi.org/10.1386/adch_00031_1

ANSARI, Ahmed. Decolonizing design through the perspectives of cosmological others: Arguing for an ontological turn in design research and practice. **XRDS: Crossroads**, v.26, n.2, Winter 2019 pp 16–19 <https://doi.org/10.1145/3368048>

ARCOVERDE JÚNIOR, José Carlos Porto. **A colonialidade presente nas pesquisas da revista Estudos em Design**. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

BOAL, Augusto. **Técnicas latino-americanas de teatro popular: uma revolução copernicana ao contrário**. Editora Hucitec, 1979.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BUCHANAN, Richard. Human dignity and human rights: Thoughts on the principles of human-centered design. **Design issues**, v. 17, n. 3, p. 35-39, 2001.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. Editora Blucher, 2008.

CARDOSO, André Luiz Carvalho; CARVALHO, Ricardo Artur; NECYK, Barbara; NOURY, Carolina; MARTINS FILHO, Tarcísio. Para pensar outros designs. **Arcos Design**, v.14, n.2, 2021, pp. 4-5. <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2020.70358>

COOPER, Alan. **The inmates are running the asylum**. Vieweg+ Teubner Verlag, 1999.

EHN, Pelle. **Work-oriented design of computer artifacts**. 1988. Tese de Doutorado. Arbetslivscentrum.

ELEUTÉRIO, Rafaella Peres; VAN AMSTEL, Frederick. Questões de cuidado na formação de uma coalizão de design feminista. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, pp. 373-399, jan./2023. <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2023.71093>

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds**. Durham and London: Duke University Press, 2018.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Cortez & Moraes Editora, 1980.

_____, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

_____, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2021. 256p.

GONZATTO, Rodrigo. F. **Usuários e produção da existência: contribuições de Álvaro Vieira Pinto e Paulo Freire à interação humano-computador**. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

GONZATTO, Rodrigo Freese; VAN AMSTEL, Frederick; JATOBÁ, Pedro Henrique. Redesigning money as a tool for self-management in cultural production. **Pivot 2021: Dismantling/Reassembling**, Toronto, Canada, 2021. <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2021.0003>

GUTIÉRREZ BORRERO, Alfredo. Dessobons: when design is the other (of many others). In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) **Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South**, v.3, n.1, pp. 17-20, 2022. <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.190>

KRISTIANSEN, Per; RASMUSSEN, Robert. **Construindo um negócio melhor com a utilização do Método LEGO Serious Play**. DVS editora, 2015.

LÖBACH, B. **Design Industrial: bases para a configuração de produtos industriais**. Blucher, 2012.

MANZINI, Ezio. **Design, when everybody designs**: An introduction to design for social innovation. MIT press, 2015.

MARMENTINI, Gabriel; PINHEIRO, Daniel. Filosofia Elos: uma ferramenta para realização de sonhos em comunidades e organizações. **Reflexos da Formação em Administração Pública**. 2017.

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1**: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital. Boitempo Editorial, 2015.

NETTO, José Paulo. Introdução ao método da teoria social. **Serviço Social**: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ ABEPSS, p. 668-700, 2009.

NOEL, Lesley-Ann et al. Pluriversal Futures for Design Education. **She Ji**: The Journal of Design, Economics, and Innovation, v. 9, n. 2, p. 179-196, 2023. <https://doi.org/10.1016/j.sheji.2023.04.002>

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1945.

OKABAYASHI, Júlio César Tamer; DOS SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. A history of design education in Brazil: A decolonial perspective. In: **Artistic Cartography and Design Explorations Towards the Pluriverse**. Routledge, 2022. p. 189-194.

REDSTROM, Johan. **Making design theory**. MIT Press, 2017.

RIBEIRO, Leila A. M. **Design como propulsor do processo da aprendizagem contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Design), UNB, Brasília, 2018.

SANTOS, Sandro da S. dos. **O design participativo do sistema de informações da Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral - AGRECO**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. 2002.

SANTOS, William Bizotto dos. **Bagunçada igual a gente**: formação crítica e prática de liberdade no Laboratório de Design contra Opressões. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Design) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba. 2023.

SERPA, Bibiana O. ; AMSTEL, Frederick M. C. van ; MAZZAROTTO, Marco ; CARVALHO, Ricardo Artur P. ; GONZATTO, Rodrigo Freese;

BATISTA, Sâmia . Design como prática de liberdade: a rede Design & Opressão como um espaço de reflexão crítica. In: CRUZ, Cristiano C.; KLEBA, John B.; ALVEAR, Celso A. S.. (Org.). **Engenharias e outras práticas técnicas engajadas. Volume 2 – Iniciativas de formação profissional**. 1ed. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2021, v. 2, p. 433-468. <http://eduepb.uepb.edu.br/download/engenharia-e-outras-praticas-tecnicas-engajadas-vol-2/?wpdmdl=1836&masterkey=618ed68a15375>

SERPA, Bibiana Oliveira. **Por uma politização do design: caminhos entre o feminismo e a educação popular..** Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SILVA, R. B.; KIRA, Gustavo; MERKLE, Luiz Ernesto. Da construção para o proceder digital: uma problematização de conceitos de projeto por meio de Vieira Pinto. **jornadas Latinoamericanas de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia**, v. 11, 2016.

SILVA, Sâmia Batista e. **Design nas bordas: juventude periférica, re-existências e decolonialidade em Belém do Pará.** 2022. 198 f. Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

TLOSTANOVA, Madina. On decolonizing design. **Design Philosophy Papers**, 2017. <https://doi.org/10.1080/14487136.2017.1301017>

VAN AMSTEL, Frederick M. C.; BATISTA, Sâmia ; SERPA, Bibiana O. ; MAZZAROTTO, Marco ; CARVALHO, Ricardo Artur P. ; GONZATTO, Rodrigo Freese . Insurgent Design Coalitions: The history of the Design & Oppression network. In: **II PIVOT 2021 Virtual Conference, 2021, London, UK (Online). Proceedings of the II PIVOT 2021 Virtual Conference**. London, UK: Design Research Society (DRS), 2021. p. 167-182. <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2021.0018>

VAN AMSTEL, Frederick M. C.; GONZATTO, Rodrigo Freese. Existential time and historicity in interaction design. **Human-Computer Interaction**, v. 37, n. 1, p. 29-68, 2022. <https://doi.org/10.1080/07370024.2021.1912607>

VAN AMSTEL, Frederick M. C.; BOTTER, Fernanda; GUIMARÃES, Cayley. Design Prospectivo: uma agenda de pesquisa para intervenção projetual em sistemas sociotécnicos. **Estudos em Design**, v. 30, n. 2, 2022. <https://doi.org/10.35522/eed.v30i2.1458>

Como referenciar

dos SANTOS, William Bizotto; MAZZARATTO, Marco; van Amstel, Frederick Marinus Constant. Tomando um LADO: formação crítica e prática extensionista no Laboratório de Design contra Opressões. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, pp. 143-175, jan./2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.78425>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 10/08/2023 | Aceito em 14/11/2023